

DOI: 10.5902/2317175814139

25

QUALIDADE DA DEMOCRACIA E INTERESSE POPULAR POR
SINDICATOS E GREVES - UM ESTUDO COMPARADO
DE 114 PAÍSES (2004-2014)

*QUALITY OF DEMOCRACY AND POPULAR INTEREST FOR UNIONS
AND STRIKES - A COMPARATIVE STUDY OF
114 COUNTRIES (2004-2014)*

THIAGO PEREZ BERNARDES DE MORAES¹ E ROMER MOTTINHA SANTOS²

Recebido em: 26/05/2014

Aprovado em: 15/09/2015

RESUMO

Historicamente, os sindicatos constituem um importante meio para a representação dos trabalhadores e para a consolidação da democracia. Mas será que esses órgãos ainda são representativos em um cenário de constante tendência de perda de força? Para responder a essa pergunta, traçamos duas hipóteses: 1) nos países onde o interesse popular por sindicatos e greves é mais alto, é maior a qualidade da democracia; 2) separadamente, onde o interesse por sindicatos é mais alto, é maior a qualidade da democracia, mas o mesmo não deve se repetir em localidades onde é maior o interesse por greves. Ao compararmos a média total quanto à distribuição geográfica do interesse por greves e sindicatos, constatamos uma significativa correlação que indica que o interesse por sindicatos é maior em países mais democráticos. Todavia, ao comparar separadamente a distribuição do interesse por greves e sindicatos com a qualidade da democracia, constatamos que há uma forte correlação entre o interesse por greves e a democracia, o que não se repete quanto ao interesse por sindicatos. Podemos afirmar, ainda, que um índice de 5% da distribuição da qualidade da democracia é impulsionado pelo interesse popular por sindicatos. Isso confirma nossa segunda hipótese, podendo indicar, também, que os sindicatos estão adotando outras estratégias além das greves, motivo pelo qual é possível inferir que os sindicatos vão “sobreviver” à tendência atual de perda de densidade.

Palavras-chave: Sindicatos; Greve; Democracia; Google Trends.

ABSTRACT

Historically the unions represent an important means for the representation of workers and for the consolidation of democracy. But I wonder if he's still a constant scenario representative tendency to loss of density? To answer this question we make two assumptions: 1) in countries where the popular interest for unions and strikes is highest, is the greater the quality of democracy; 2) separately, where the interested unions is highest, is the greater the quality of democracy but the same should not be repeated with locations where greater interest by strikes. Comparing the total average regarding geographical distribution of interest by strikes and unions, we found a significant correlation indicating that the interest in unions is greater in more democratic countries. However, we compare separately the distribution of interest by strikes and unions with the quality of democracy, noted that compared to the first a strong correlation, but the same is not repeated in the second. We can say that 5% of the distribution of the quality of democracy is driven by the popular interest in unions. This confirms our second hypothesis, which may indicate that the unions are adopting other strategies in addition to the strikes, which is why it is possible to infer that the unions will “survive” the current trend of loss of density.

Keywords: Trade unions; Strikes; Democracy; Google Trends.

¹ Doutor em Psicologia Social pela Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy (UAJFK), Argentina. Professor no Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). E-mail: thiagomoraessp@hotmail.com.

² Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil. E-mail: romermottinha@gmail.com.

1 Introdução

Historicamente, os sindicatos constituem não só um meio eficiente de representação dos trabalhadores, mas também um instrumento para a consolidação da democracia. Tanto como promovedor de negociações coletivas quanto como agente da militância industrial, os sindicatos, desde o começo do século XX até os dias atuais, são atores pivôs na política e na sociedade. Entretanto, com as mudanças estruturais promovidas pelo capitalismo, os sindicatos do mundo assistem a uma vertiginosa queda quanto ao número de sindicalizados, o que em larga medida compromete as possibilidades de exercício de representação por parte dos sindicatos. Neste cenário, será que os sindicatos ainda conseguem promover uma representação suficiente a ponto de influenciar a qualidade da democracia?

A hipótese deste estudo é a de que, em países onde o interesse por sindicatos e por greves trabalhistas é maior, a qualidade da democracia tende a ser mais alta. Tal hipótese se baseia na constatação de que, onde o interesse por sindicatos e greves é maior, a força do sindicato também é mais elevada, o que favorece uma representação mais eficiente, fato este que pode alterar de forma positiva a qualidade da democracia. Outra hipótese é a de que, possivelmente, apenas o interesse por sindicatos tenha alta correlação com a qualidade da democracia, uma vez que a alta frequência do tópico greve seja mais comum em países com menor qualidade democrática, que são aqueles onde as desigualdades estruturais se manifestam com mais força.

Para testar estas hipóteses, traçamos no Google Trends frequências de interesse do tipo Beta para os tópicos relacionados aos sindicatos e às greves. Consideramos como recorte temporal o período de janeiro de 2004 a março de 2014 e como recorte espacial o montante de 114 países. Utilizamos, também,

dados do *The Democracy Ranking of the Quality of Democracy* de 2008 a 2012, desenvolvidos pelo *The Democracy Ranking Association*, referentes à qualidade da democracia em 114 países.

2 Sindicatos e representação do interesse comum

Para Olson (1999), a ideia de que os grupos sempre agem para promover seus interesses é supostamente fundamentada na premissa de que os membros de um grupo agem por interesse pessoal. Todavia, não é verdade que a ideia de que os grupos agirão para atingir seus objetivos seja uma sequência lógica da premissa do comportamento racional e centrado nos próprios interesses. Mesmo que todos os indivíduos de um grupo grande sejam racionais e centrados nos próprios interesses e que saiam ganhando se, como grupo, agirem para atingir seus objetivos comuns, ainda assim eles não agirão voluntariamente para promover esses interesses comuns ou grupais (Olson, 1999, p. 14). Segundo Tsebelis (1998, p. 33), a racionalidade nada mais é que uma correspondência ótima entre fins e meios.

Um propósito que, de fato, é característico da maioria das organizações, principalmente daquelas com um aspecto econômico marcante, consiste na promoção dos interesses de seus membros. É pertinente perceber que os interesses que todos esses tipos de organizações supostamente devem promover são, em sua maioria, interesses comuns. Além disso, é possível supor que os indivíduos que pertencem a uma organização ou a um grupo têm um interesse comum, assim como interesses puramente individuais, diferentes dos interesses dos outros membros do mesmo grupo (Olson, 1999, p. 18-20).

Nesta nossa era de grandes negócios e grandes mercados de trabalho, a maioria dos sindicatos constitui grandes organizações. No entanto, nem sempre foi assim. Os primeiros sindicatos

eram organizações pequenas e locais, característica que não se alterou por um longo período. O movimento sindical norte-americano, por exemplo, iniciou com uma série de pequenos sindicatos independentes uns dos outros, cada qual com seus interesses locais, de forma que o desenvolvimento dos sindicatos nacionais viáveis nos Estados Unidos teve início mais de meio século depois de terem surgido os sindicatos locais. Mesmo depois que os sindicatos nacionais tinham se estabelecido, passou-se algum tempo até que estes tomassem o posto dos sindicatos locais como principal manifestação de força trabalhista (Olson, 1999, p. 79). Embora possam existir muitos fatores diferentes que ajudem a explicar esse padrão histórico do crescimento dos sindicatos, ele pode ser explicado, ao menos parcialmente, pelo fato de que os pequenos grupos podem se favorecer de benefícios coletivos melhor do que os grandes grupos (Olson, 1999, p. 80).

A negociação coletiva no último século representou um grande pivô em uma série de benesses sociais e, também, na consolidação da democracia. Historicamente³, o sindicato foi uma útil ferramenta para a redução da desigualdade social, ocasionando a aquisição de garantias quanto a relações e condições de trabalho mais justas. Isso permite afirmar que os sindicatos não são atores meramente econômicos, constituindo, na verdade, pivôs da arena política. Ocorre que, nas últimas décadas, os sindicatos têm diminuído, em todo o mundo, no que se refere à densidade de sindicalizados⁴, o que, de forma direta, compromete o seu potencial de ação, sobretudo no que diz respeito a levar a cabo a negociação coletiva junto ao

poder político em prol do sindicalizado (HAYTER, FASHOYIN, KOCHAN, 2011; ANDOLFATTO, LABBÉ, 2012; GUMBRELL-MCCORMICK, 2012).

Entretanto, mesmo com pouco poder de barganha em mãos, os sindicatos⁵, nos diversos lugares do mundo, continuam a desempenhar um papel importante na distribuição de benefícios e de contrapesos às disparidades estruturais. Exemplo disso é a amostra empírica que sugere que, na União Europeia, os sindicalizados que precisam utilizar o seguro-saúde para o afastamento das atividades de trabalho são demitidos com menos frequência do que os não sindicalizados que também solicitam o auxílio-doença para o afastamento laboral. A evidência⁶ sugere que a maior flexibilidade quanto ao afastamento do trabalho e do uso do seguro-saúde constitui um ganho privado próprio das organizações sindicais europeias (GOERKE; PANNENBERG, 2012). Esse fato representa um epifenômeno das possibilidades de benefícios que os sindicatos podem, atualmente, conceber aos sindicalizados, mesmo gozando de baixo poder de barganha na maior parte do mundo.

A evidência indica, também, que os sindicatos podem facilitar o processo de contratação de longo prazo, gerando benefícios amplos no relacionamento entre empregador e empregado. Entretanto, é preciso considerar que, no cenário atual, em muitos países, os sindicatos não conseguem ou ainda não podem mais apoiar políticas de redistribuição de renda que visem reduzir a desigualdade salarial (ADDISON, 2013).

Historicamente, a evidência empírica advinda da análise de movimentos

³ Durante o começo do século XX, houve, no mundo industrializado, uma grande explosão no que diz respeito à militância industrial e política, a qual agiu com força nas negociações, sobretudo com o uso da violência, o que fez com que o sindicalismo revolucionário ganhasse destaque e notoriedade, colocando uma série de líderes sindicais como *players* com grande poder de barganha. Tais líderes conseguiram mobilizar grandes greves em vários países (DARLINGTON, 2013).

⁴ Densidade de sindicalizados diz respeito ao número total de trabalhadores sindicalizados em relação ao índice de não sindicalizados. Esse desinflar constante é observado na maioria dos países do mundo, especialmente nas últimas décadas.

⁵ Não é possível para trabalhadores não organizados criar um grande sindicato, mesmo que eles estejam cientes da necessidade da coerção, já que têm de se organizar primeiro para terem então uma organização que possa impor a política do estabelecimento sindicalizado. Todavia, é possível para um pequeno sindicato emergir sem compulsão e, em seguida, tornar a afiliação a ele compulsória para assegurar sua sobrevivência e aumentar sua força (OLSON, 1999).

⁶ Há também uma forte relação entre força dos sindicatos e melhores condições de segurança no trabalho. Considerando que a maioria das empresas, tradicionalmente, é contrária a dispendiosas adoções de práticas de segurança, os sindicatos desempenham um papel importante para a aquisição dessas práticas, o que garante em alguma medida a média de saúde dos trabalhadores e, conseqüentemente, a oferta de trabalho agregado (DONADO e WÁLDE, 2012).

sindicalistas revolucionários na França, na Espanha, na Itália, na Irlanda, nos Estados Unidos e na Inglaterra sinalizam que tanto a iniciativa organizacional quanto a ideologia e a liderança dos sindicatos representam objetos de grande importância para a compreensão dos movimentos sindicais. Isso ocorre porque, em algum nível, os sindicatos foram e continuam a ser, de forma simultânea, uma causa contributiva, um sintoma e um beneficiário da militância dos trabalhadores (DARLINGTON, 2013).

O desafio dos sindicatos é, entretanto, em larga medida, multifatorial⁷, pois uma série de processos estruturais distintos tem elevado o desemprego⁸ e, não obstante, tem feito surgir novas formas de subcontratação e de flexibilização dos direitos trabalhistas. Indubitavelmente, um dos fenômenos protagonistas desse cenário é a privatização em nível global. Um estudo elencando dados sobre a privatização industrial sinaliza que ela pode ser associada a, pelo menos, 20% do aumento do desemprego e à redução dos salários e dos direitos trabalhistas. Nestes contextos onde as privatizações ganharam larga abrangência, os sindicatos tendem a ser mais fracos (AZMAT; MANNING; REENEN, 2012).

Como a porcentagem de sindicalizados cai em ritmo constante, é esperado que, concomitante a este processo, haja um retrocesso quanto à capacidade de mobilização popular dos sindicatos, sobretudo no que concerne a organizar greves trabalhistas. Frente à queda vertiginosa na densidade de sindicalizados em todo o mundo, os sindicatos têm um desafio difícil para reverter tal tendência.

⁷ "Em geral, as situações de representação política geram envolvimento simultâneo em vários jogos: no jogo parlamentar e no jogo eleitoral propriamente dito para os representantes no Congresso, em um jogo de barganha e num jogo entre o líder e as bases para os representantes do sindicato, num jogo na política internacional entre economia e política também pode ser conceituada com diversos jogos jogados pelos mesmos atores. De maneira geral, pode-se argumentar que as democracias contêm situações em quais os jogos não são jogados de maneira isolada e, portanto, as escolhas podem parecer sub ótimas" (TSEBELIS, 1998, p. 20-21).

⁸ Desde o início dos anos 1980, observou-se um constante declínio quanto à oferta de empregos em todo o mundo. Para compreender esse fato, deve-se considerar, dentre outros aspectos, o avanço da tecnologia que propiciou uma redução nos custos de produção, afetando de forma inevitável toda a estrutura macroeconômica da maioria dos países (KARABARBOUNIS e NEIMAN, 2013).

Entretanto, como o potencial de barganha e, conseqüentemente, a aquisição de benefícios para as classes trabalhistas são baixos, os sindicatos devem, antes de tudo, buscar adesão por parte da sociedade. Trata-se, assim, de "vender" a imagem dos sindicatos aos sindicalizados e, sobretudo, aos não sindicalizados. A evidência empírica sugere que o uso das redes sociais, como o Facebook, tem tido um saldo positivo no que diz respeito a atrair usuários ativos e, conseqüentemente, sindicalizados (BRYSON; GOMEZ; WILLMAN, 2010). Nesse sentido, torna-se vital um estudo sistemático dos vestígios digitais gerados nesta relação, o que inclui toda comunicação realizada em sites, blogs e redes sociais e também o interesse manifesto dos internautas nos motores de busca.

3 Método

Neste trabalho, utilizamos o Google Trends⁹ para aferir a frequência espacial e temporal de interesse por termos relacionados aos sindicatos e às greves trabalhistas no período de 2004 a 2014 em um total de 40 semanas em 114 países. Utilizamos também dados do *The Democracy Ranking of the Quality of Democracy*¹⁰ de 2008 a 2012, desenvolvidos pelo *The Democracy Ranking Association*, referentes à qualidade da democracia em 114 países.

Selecionamos o Google Trends, pois ele é, certamente, o motor de busca reversa mais eficiente de toda a *web* (KUOET *al.*, 2012; MORAES *et al.*,

⁹Em relação a outros métodos de coleta de dados próprios das Ciências Sociais, o Google Trends traz pelo menos três vantagens sólidas: 1) possibilita pesquisas rápidas e gratuitas, com dados sempre atualizados; 2) oferece dados de praticamente todos os países do mundo; 3) permite *download* gratuito de todas as frequências, tendo em vista que apresenta um custo de pesquisa muito baixo (MELLON, 2013; MORAES, 2014).

¹⁰A medida do *ranking* de democracia tem o interesse em medir três dimensões da estrutura democrática: 1) liberdade; 2) igualdade; e 3) performance. Para isso, o *ranking* de democracia baseia-se em duas grandes dimensões: 1) liberdade e outras características do sistema político (50%); e 2) desempenho de dimensões não políticas (50%). Dentro do espectro não político, o *ranking* de democracia considera cinco pontos: 1) gênero (igualdade de gênero) (10%); 2) economia (sistema econômico) (10%); 3) conhecimento (nível de ensino, pesquisa e acesso a informações) (10%); 4) saúde (saúde da população e sistema de saúde) (10%); e 5) meio ambiente (sustentabilidade ambiental) (10%). Para as diferentes dimensões, políticas e não políticas, uma larga gama de indicadores é atribuída, sendo todos transformados em uma frequência de 1 a 100, em que 1 representa o menor e 100 o maior (CAMPBELL, 2008).

2014). Nesse sentido, enquanto um motor de busca tradicional apresenta uma relação de *links* para cada objeto pesquisado, o motor de busca reversa oferece uma lista relativa à distribuição no tempo e no espaço dos usuários que registraram suas preferências nos motores de busca (MORAES, MILLANI, 2014; MORAES, SANTOS, 2015).

O Google Trends apresenta a frequência com que um termo é procurado no Google, o motor de busca mais utilizado no mundo, dispondo de uma base de dados que permite verificar as regiões do mundo onde o termo foi buscado e o volume de pesquisas sobre um termo em determinado período. O *download* destes dados é livre e está disponível para praticamente todos os países. Em suma, o motor busca gera frequências espaciais e temporais para termos específicos e conjuntos de termos, as frequências do tipo Beta¹¹. Tais frequências trazem valores úteis não só para a compreensão do

modus operandi de uso da internet, mas, também, para a compreensão das variáveis independentes que afetam a realidade do mundo *off-line* (MORAES, SANTOS, 2013, MORAES, MAIA, 2014; FANTAZZINI, FOMICHEV, 2014).

4 Resultados

No Gráfico 1, exposto a seguir, consideramos duas frequências de interesse temporal medidas no Google Trends: uma no eixo principal relativa ao interesse por greves (*StrikeAction*) e outra no eixo secundário relativa ao interesse por sindicatos (*Trade Union*). Ao traçarmos linhas de tendência, percebemos que há uma tendência de declínio, na última década, do interesse por sindicatos (o que, de alguma forma, confirma a premissa da literatura de que os sindicatos estão perdendo influência). Notamos, também, entretanto, que há uma leve tendência de crescimento do interesse por greves.

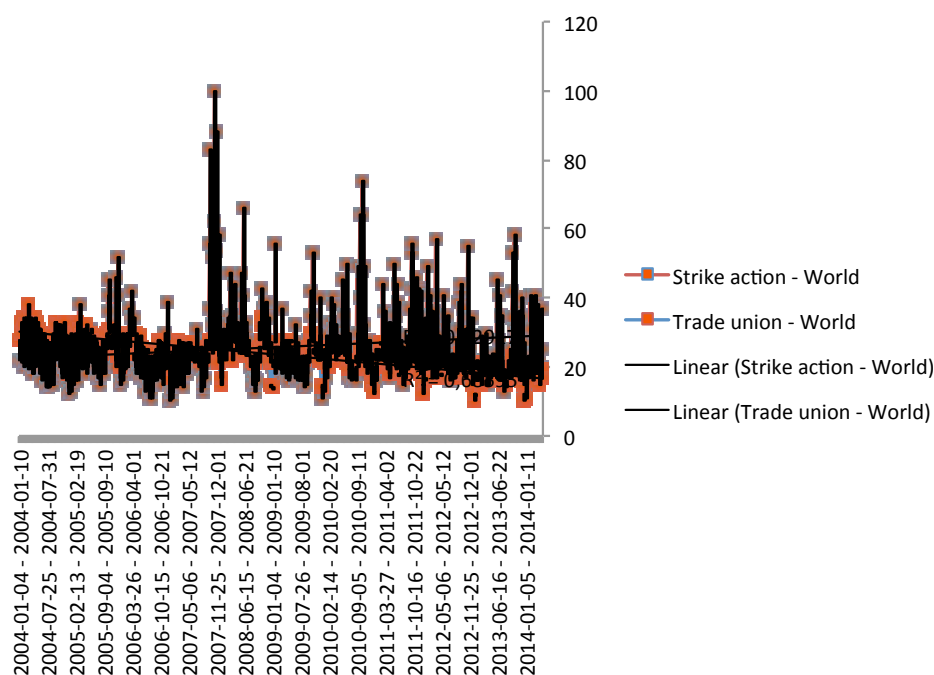


Gráfico 1– Interesse mundial por sindicatos e por greves (2004-2014)

Fonte: Google Trends, elaboração dos autores.

¹¹ Beta do Google Trends procura o termo como um “assunto”. Podemos afirmar que isso faz desta frequência um forte medidor de ideologia política e de outras expressões do interesse social.

Tabela 1 – Médias relativas às frequências temporais de interesse mundial por *Trade Union* e por *StrikeAction**

Grupo	Semanas	Média	CI 95%	Desvio Padrão	Min	Max
<i>Trade Union - World</i>	540	23.431	23.032 - 23.831	4.741	10.0	38.0
<i>Strike Action - World</i>	540	25.757	24.807 - 26.708	11.273	10.0	100.0

Fonte: Google Trends, elaboração dos autores.

É interessante notar que a média de interesse mundial por estes dois tópicos é bastante similar, diferenciando-se apenas por 2,376 pontos. Considerando os valores mínimos e máximos para cada frequência, ambas se igualam quanto aos valores mínimos (10). Contudo, enquanto o tópico relacionado ao sindicato tem como frequência máxima 38, o tópico relacionado às greves tem 100 como frequência máxima, indicando que o interesse por greves é mais explosivo, por assim dizer, que o interesse

por sindicatos. Em função disso, o desvio padrão encontrado nas frequências é maior na frequência de interesse por greves. Percebemos aqui uma lógica funcional, afinal, dentre os que se interessam por greves, além dos grevistas, estão os usuários dos serviços em greve e outros atores sociais envolvidos. Isso também indica que nem sempre a greve é, cognitivamente, associada aos sindicatos, pois, se assim fosse, os valores máximos entre as frequências seriam coincidentes e não discrepantes.

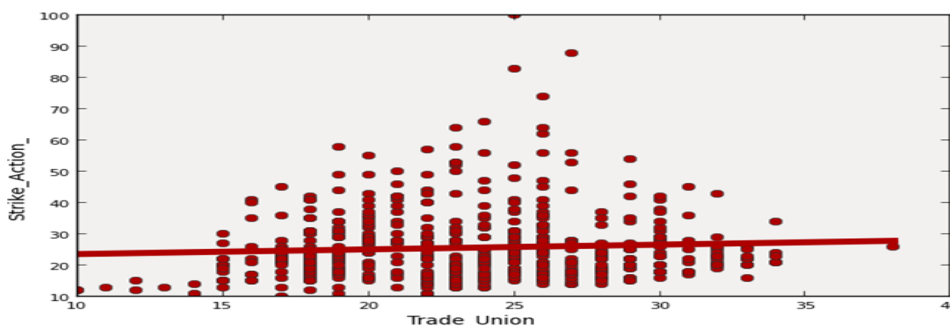
Tabela 2 – Correlações entre as frequências temporais de interesse mundial por *Trade Union* e por *StrikeAction*

Pearson	Spearman's Test	T-Test	Wilcoxon Signed Ranks Test
$p=0.141; r=0.063$	$p=0.160; r=0.063$	$p < 0.001; t=-4.523$	$p=0.030; z=58865.0$

Fonte: elaboração dos autores.

Ao correlacionar a frequência de interesse por greves e sindicatos no mundo ($p=0.141; r=0.063$), não encontramos correlação significativa, confirmando a ideia de que nem sempre as

greves são associadas a sindicatos e, muitas vezes, mesmo quando articuladas por sindicatos, não há uma percepção coletiva sobre este órgão.

**Gráfico 2** – Dispersão entre interesse por sindicatos e interesse por greves.

Fonte: elaboração dos autores.

* Trade Union: Sindicatos; Strike Action: Greve.

Tabela 3 – Qualidade da democracia e interesse pelos tópicos *Trade Union* e *StrikeAction* em 114 países

País	2008-2009 Qualidade da democracia	2011-2012 Qualidade da democracia	2008-2012 - média Qualidade da democracia	<i>Trade Union</i>	<i>StrikeAction</i>	Média 2004-2014
Albânia	56	55,7	55,9	0	4	2
Argentina	69,1	70,2	69,6	58	3	30,5
Armênia	45	46,1	45,6	0	2	1
Austrália	79,8	80,8	80,3	9	5	7
Áustria	79,7	81,2	80,5	10	4	7
Bahrein	42,4	39,4	40,9	0	3	1,5
Bangladesh	47	49,3	48,1	3	3	3
Bélgica	79,1	81,1	80,1	10	13	11,5
Benin	47	49,3	48,1	0	37	18,5
Butão	46,4	48,9	47,6	0	0	0
Bolívia	53,8	56,1	54,9	10	3	6,5
Bósnia e Herzegovina	49,6	50,2	49,9	16	6	11
Botswana	52,3	52,3	52,3	21	16	18,5
Brasil	61,1	63,8	62,5	100	28	64
Bulgária	65,1	65,1	65,1	2	3	2,5
Burkina Faso	41	43,1	42,1	0	16	8
Burundi	41,1	39,5	40,3	0	0	0
Canadá	79,8	80,6	80,2	12	13	12,5
República Centro -Africana	30,4	31	30,7	0	0	0
Chile	71,3	71,9	71,6	18	5	11,5
China	38,4	39,1	38,7	20	3	11,5
Colômbia	55,8	57,5	56,6	12	2	7
Costa Rica	70	71,1	70,6	7	4	5,5
Croácia	67,5	68	67,8	28	4	16
Chipre	72	71,5	71,8	3	6	4,5
República Tcheca	72,1	71,9	72	5	3	4
Dinamarca	83,9	84,4	84,1	23	18	20,5
República Dominicana	59,4	58,9	59,2	7	5	6
Equador	58,2	57,9	58,1	12	2	7
Egito	35,1	41,2	38,2	0	5	2,5
El Salvador	59,1	60,1	59,6	16	3	9,5
Estônia	73,3	73,2	73,2	2	4	3
Finlândia	86	86,7	86,4	8	6	7
França	77,2	78,2	77,7	4	21	12,5
Geórgia	52,7	57,1	54,9	0	4	2
Alemanha	81,1	82,2	81,6	7	11	9
Gana	54	55,5	54,8	8	7	7,5
Grécia	69,9	67,5	68,7	1	49	25
Guatemala	50,2	51,2	50,7	11	5	8
Guiné	28,5	36,2	32,4	0	0	0
Haiti	40,3	40,2	40,3	0	0	0
Honduras	51,3	50	50,6	13	7	10
Hungria	70	68,4	69,2	5	6	5,5
Índia	52,3	54,1	53,2	4	6	5
Indonésia	52,4	54,2	53,3	3	2	2,5

(continua...)

(continuação...)

País	2008-2009 Qualidade da democracia	2011-2012 Qualidade da democracia	2008-2012 - média Qualidade da democracia	Trade Union	StrikeAction	Média 2004-2014
Irlanda	81,4	80,9	81,1	8	7	7,5
Israel	73,6	73,7	73,7	5	12	8,5
Itália	71,8	71,2	71,5	22	37	29,5
Jamaica	65,2	65,9	65,6	16	3	9,5
Japão	74,6	74,8	74,7	9	2	5,5
Quênia	41	44,8	42,9	12	17	14,5
Coreia do Sul	70,7	71,7	71,2	0	0	0
Kuwait	49,9	49,3	49,6	0	3	1,5
República do Quirguizistão	43,8	46,4	45,1	0	0	0
Letônia	69,8	69,3	69,6	1	4	2,5
Líbano	49,5	50,2	49,8	3	6	4,5
Lesoto	50,9	53,8	52,4	0	0	0
Libéria	49,3	52	50,7	0	0	0
Líbia	25,9	38,9	32,4	0	2	1
Lituânia	71,1	71,3	71,2	1	3	2
Macedônia, FYR	53,3	54,6	53,9	4	5	4,5
Madagascar	45,4	42,8	44,1	0	6	3
Malawi	44,2	47,4	45,8	0	0	0
Malásia	51,3	52	51,6	3	3	3
Maurício	65,4	66,4	65,9	7	5	6
México	57,6	57,7	57,6	19	5	12
Moldávia	54,4	57,8	56,1	3	3	3
Mongólia	58	59,6	58,8	0	4	2
Marrocos	43,5	44,6	44,1	1	7	4
Moçambique	42,3	43,2	42,7	10	12	11
Namíbia	53,1	54,4	53,7	0	8	4
Nepal	46,8	47,2	47	5	6	5,5
Países Baixos	82,9	83,5	83,2	0	0	0
Nova Zelândia	81,8	81,5	81,6	5	4	4,5
Nicarágua	52,4	53,7	53,1	9	3	6
Nigéria	36,8	38,7	37,8	13	100	56,5
Noruega	87,4	88,3	87,9	6	10	8
Paquistão	37,1	38,2	37,6	2	4	3
Panamá	64,7	65,8	65,2	9	4	6,5
Papua-Nova Guiné	51,3	52,2	51,8	0	0	0
Paraguai	54,1	53,9	54	8	8	8
Peru	61,7	61	61,3	10	8	9
Filipinas	54	57,3	55,7	0	0	0
Polônia	70,3	71,1	70,7	7	4	5,5
Portugal	75,3	75,7	75,5	28	18	23
Romênia	63,7	64,4	64,1	4	6	5
Panamá	64,7	65,8	65,2	9	4	6,5
Papua-Nova Guiné	51,3	52,2	51,8	0	0	0
Paraguai	54,1	53,9	54	8	8	8
Peru	61,7	61	61,3	10	8	9
Filipinas	54	57,3	55,7	0	0	0
Polônia	70,3	71,1	70,7	7	4	5,5

(continua...)

(continuação...)

País	2008-2009 Qualidade da democracia	2011-2012 Qualidade da democracia	2008-2012 - média Qualidade da democracia	Trade Union	StrikeAction	Média 2004-2014
Portugal	75,3	75,7	75,5	28	18	23
Romênia	63,7	64,4	64,1	4	6	5
Panamá	64,7	65,8	65,2	9	4	6,5
Papua-Nova Guiné	51,3	52,2	51,8	0	0	0
Paraguai	54,1	53,9	54	8	8	8
Peru	61,7	61	61,3	10	8	9
Filipinas	54	57,3	55,7	0	0	0
Polônia	70,3	71,1	70,7	7	4	5,5
Portugal	75,3	75,7	75,5	28	18	23
Romênia	63,7	64,4	64,1	4	6	5
Panamá	64,7	65,8	65,2	9	4	6,5
Papua-Nova Guiné	51,3	52,2	51,8	0	0	0
Paraguai	54,1	53,9	54	8	8	8
Peru	61,7	61	61,3	10	8	9
Filipinas	54	57,3	55,7	0	0	0
Polônia	70,3	71,1	70,7	7	4	5,5
Portugal	75,3	75,7	75,5	28	18	23
Romênia	63,7	64,4	64,1	4	6	5
Federação Russa	45	45,8	45,4	5	2	3,5
Senegal	48,5	50,8	49,6	0	7	3,5
Sérvia e Monte- negro	60,4	61,4	60,9	34	8	21
Serra Leoa	44,5	47,6	46	0	0	0
Cingapura	64	66,9	65,4	4	6	5
República Eslovaca	68,8	69,2	69	7	5	6
Eslovênia	75,2	75,4	75,3	16	4	10
África do Sul	55,2	55,1	55,1	21	16	18,5
Espanha	77,9	76,9	77,4	31	17	24
Sri Lanka	52,3	49,8	51	4	4	4
Suécia	86,9	87	87	9	6	7,5
Suíça	84,9	85,9	85,4	5	5	5
República Árabe da Síria	31,3	29,2	30,2	0	3	1,5
Tanzânia	43	47	45	8	3	5,5
Tailândia	51,2	54,2	52,7	0	1	0,5
Timor-Leste	50,4	51,3	50,8	0	0	0
Togo	33,4	35,8	34,6	0	0	0
Trinidad e Tobago	61,1	60,1	60,6	14	3	8,5
Tunísia	38,7	52,3	45,5	1	8	4,5
Turquia	53,8	54,9	54,3	12	2	7
Uganda	45,1	45,9	45,5	10	6	8
Ucrânia	57,3	54,5	55,9	6	2	4
Reino Unido	80,1	79,9	80	10	13	11,5
Estados Unidos	78,7	78,8	78,7	11	7	9
Uruguai	72,1	73	72,6	18	3	10,5
Venezuela, RB	48,8	46,1	47,5	12	3	7,5
Iêmen	25,7	26,5	26,1	0	3	1,5
Zâmbia	39,8	44,4	42,1	17	0	8,5

Fonte: Google Trends, *The Democracy Ranking Association*, elaboração dos autores.

Tabela 4 - Qualidade da democracia e interesse pelos tópicos *Trade Union* e *Strike Action* em 114 países

Grupo	Países	Média	CI 95%	Desvio Padrão	Mín.	Máx.
Média Google Trends 2004-2014	114	7.746	6.004 - 9.487	9.488	0.0	64.0
2008-2012 - Média Qualidade da Democracia	114	58.438	55.711 - 61.164	14.853	26.1	87.9
2008-2009 Qualidade da Democracia	114	57.887	55.091 - 60.683	15.232	25.7	87.4
2011-2012 Qualidade da Democracia	114	58.989	56.317 - 61.661	14.556	26.5	88.3
<i>Trade Union</i>	114	8.36	6.077 - 10.642	12.435	0.0	100
<i>Strike Action</i>	114	7.132	4.995 - 9.269	11.641	0.0	100.

Fonte: elaboração dos autores.

É possível observar que, entre o período de 2008-2009 até o período de 2011-2012, a média da qualidade da democracia nos 114 países analisados teve um leve aumento de 1,102 pontos, o que podemos considerar como um saldo positivo. É interessante notar, também, que, quanto aos valores mínimos e máximos relativos à média da

qualidade da democracia, há uma grande discrepância entre o país com menor pontuação (26,1 pontos) e o com maior pontuação (87,9 pontos). Este resultado sinaliza que há uma grande desigualdade estrutural no mundo, a qual faz com que, assim como os recursos, os direitos sociais, políticos e econômicos sejam distribuídos de forma desigual.

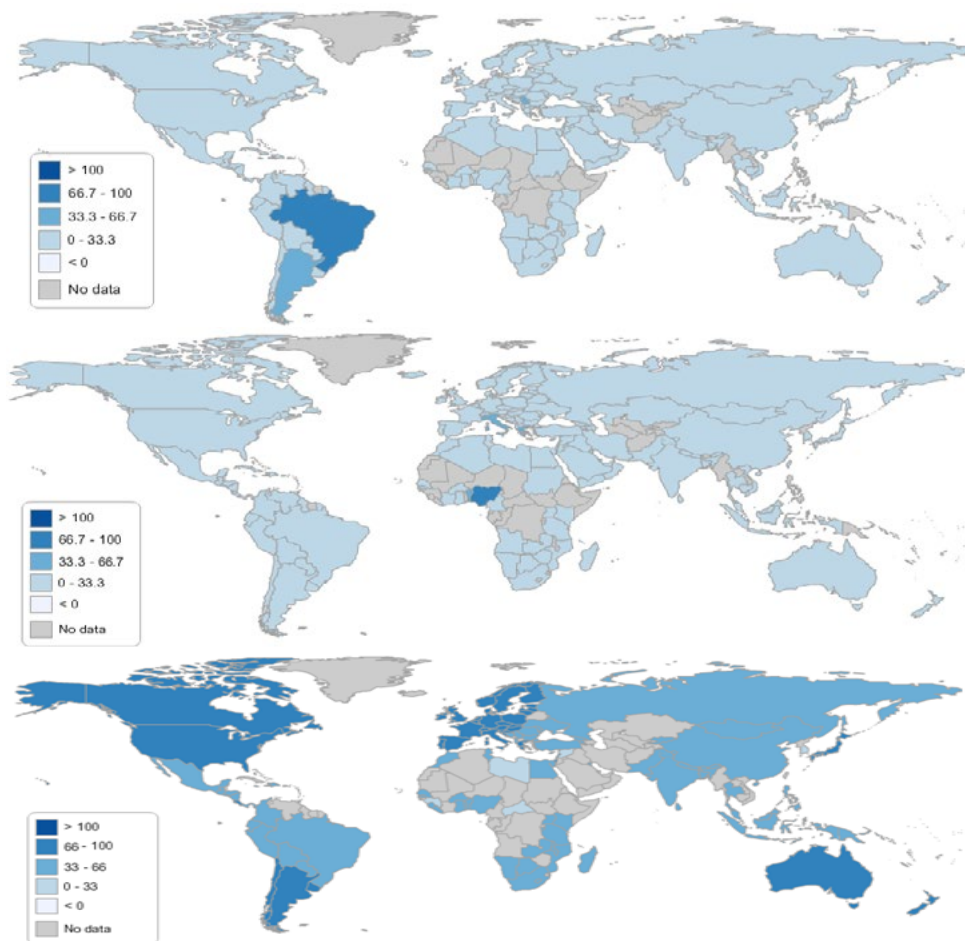


Figura 1 – Distribuição mundial de interesse por tópicos ligados a sindicatos e greves e as pontuações relativas à qualidade da democracia em 114 países.

Fonte: Google Trends, *The Democracy Ranking Association*, elaboração dos autores.

Tabela 5 – Correlações entre as médias de frequências do Google Trends e a média de qualidade da democracia em 114 países

Pearson	Spearman's Test	t-test	Wilcoxon Signed Ranks Test
$p=$: 0.036; $r=$ 0.197	$p<$ 0.001; $r=$ 0.197	$p<$ 0.001; $t=$ -33.878	$p<$ 0.001; $z=$ 3.0

Fonte: elaboração dos autores.

Como fica evidente no Gráfico 3 e na Tabela 6, há uma correlação positiva ($p=0.036$; $r=0.197$) entre a qualidade da democracia e a média de interesse por tópicos relacionados a sindicatos e greves trabalhistas. Isso indica que, em democracias de maior qualidade, os indivíduos têm, ou pelo menos demonstram ter, maior interesse por sindicatos e por greves trabalhistas como um todo, sinalizando que não só são livres para se organizar em sindicatos e também promover greves, mas também estão culturalmente interessados neste tipo de temática, mais

do que os indivíduos situados em democracias de menor qualidade.

Tal resultado pode indicar que, nos lugares onde o interesse por greves e por sindicatos é maior, os sindicatos são mais “fortes” e que sua representação exerce significativo efeito para garantir uma considerável fatia das demandas para o melhoramento da qualidade da democracia. Nesse sentido, podemos afirmar que o interesse médio por greves e por sindicatos representa tanto uma causa quanto uma consequência da qualidade da democracia.

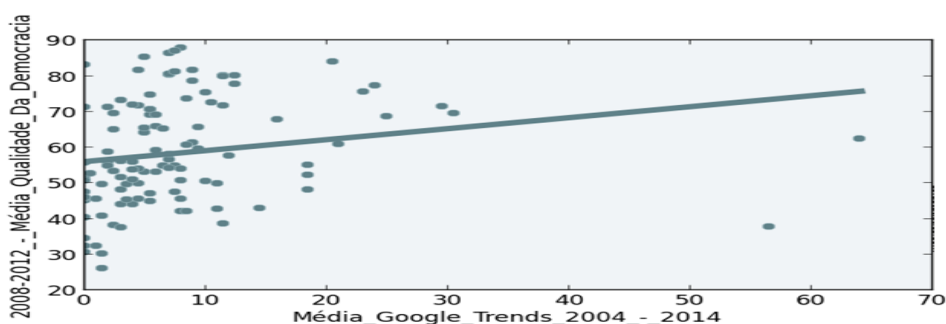


Gráfico 3 – Dispersão entre a média da qualidade da democracia (2008-2012) e a média da distribuição geográfica de interesse por sindicatos e greves (2004-2012).

Fonte: elaboração dos autores.

No Gráfico 4, apresentado a seguir, ilustramos a relação quanto à distribuição em 114 países do interesse médio por sindicatos e greves e comparamos esta relação com a distribuição de pontos relativos

à qualidade da democracia. Fica evidente que tal média de interesse mensurada pelo Google Trends, de fato, é mais recorrente em democracias com pontuação mais elevada quanto à qualidade.

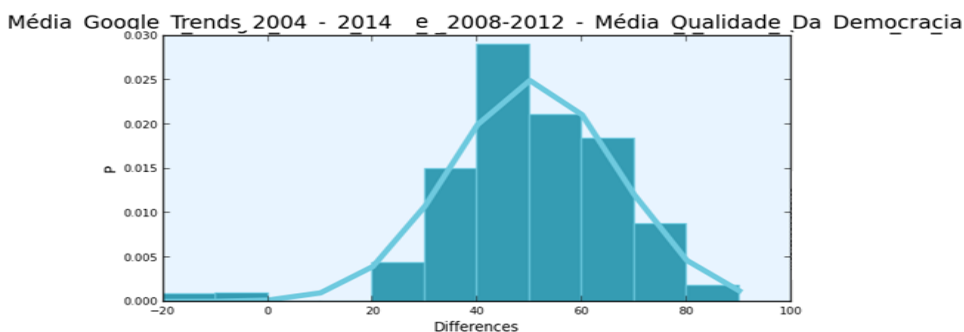


Gráfico 4 – Comparação do padrão de distribuição média da qualidade da democracia (2008-2012) e da média de distribuição geográfica de interesse por sindicatos e greves (2004-2012)

Fonte: elaboração dos autores.

Para estudar melhor a relação entre a distribuição geográfica de interesse por greves e sindicatos com a qualidade da democracia, comparamos a distribuição de greves e de sindicatos de forma separada com a média de qualidade da democracia. Observamos um padrão bastante interessante, pois os valores de correlação de *Pearson* para o tópico ligado a greves não apresentam correlação significativa ($p=0.511$;

$r=0.062$), enquanto que a distribuição de interesse por sindicatos apresenta uma forte correlação positiva ($p=0.010$; $r=0.242$). Tendo isso em vista, realizamos uma regressão linear considerando como variável dependente a média da distribuição geográfica da qualidade da democracia entre 2008 e 2012 e como variável independente a distribuição do interesse médio no mesmo período por sindicatos.

Tabela 6 – Resumo do modelo / ANOVA^a/ Coeficientes^a

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa		
1	,242 ^a	,058	,050	12,120		
Modelo	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.	
1	Regressão	1020,248	1	1020,248	6,946	,010 ^b
	Resíduos	16452,006	112	146,893		
	Total	17472,254	113			
Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	
	B	Modelo padrão	Beta			
1	(Constante)	6,519	1,333		4,891	,000
	Sindicatos_Google_Trends	,258	,098	,242	2,635	,010

a. Variável dependente: Média_qualidade_da_democracia_2008_2012
b. Preditores: (Constante), Sindicatos_Google_Trends

Fonte: elaboração dos autores.

Como visualizamos na regressão, obtemos um r quadrado ajustado de ,050, o que indica que 5% da distribuição da qualidade de democracia pode ser explicada pelo interesse popular por sindicatos. De um lado, isso sugere que, em países com menor qualidade democrática, pode ser mais frequente o interesse por greves. Assim, as disparidades estruturais advindas da baixa qualidade da democracia podem ter colocado em curso greves que, por sua vez, geraram o interesse nos motores de busca do Google. Por outro lado, não deixa dúvidas de que o interesse por sindicatos é mais frequente em democracias de maior qualidade, o que pode indicar que as greves estão reduzindo quanto à sua frequência nas democracias de maior qualidade.

Mas, como consideramos que o interesse médio no Google Trends por sindicatos, em alguma medida, representa um indicador de força, pode ser que esta discrepância em relação ao interesse por greves represente uma tendência mundial quanto à postura estratégica e operacional dos sindicatos. Ou seja, os sindicatos podem estar se adequando e conseguindo meios alternativos para exercer pressão sobre o poder político a fim de representar com mais força os trabalhadores sindicalizados e com menos força os não sindicalizados.

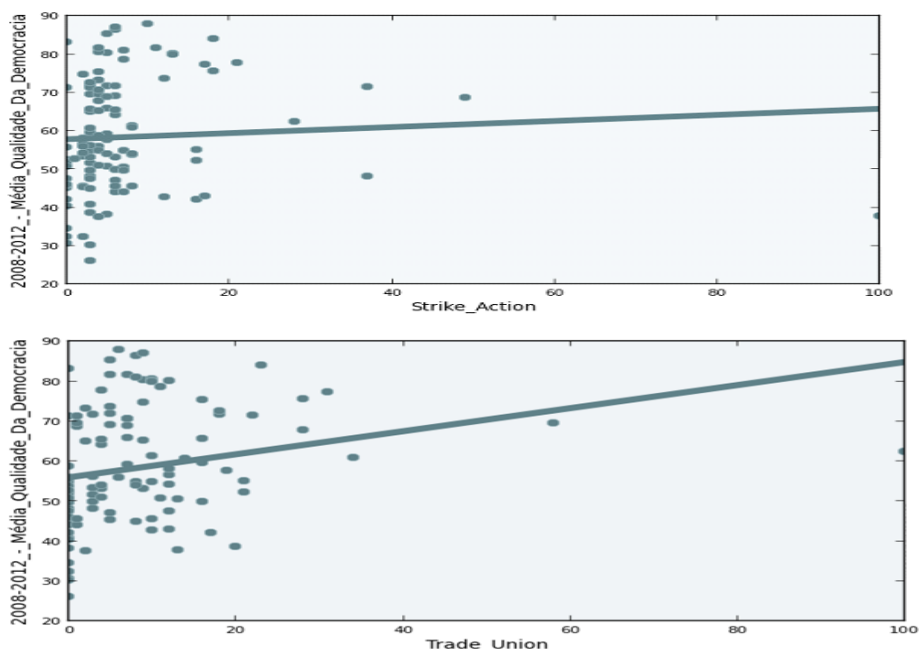


Gráfico 5 – Dispersões entre a média da qualidade da democracia e a tendência de interesse por greves e por sindicatos no Google Trends

Fonte: elaboração dos autores.

Nossos resultados indicam que entre o interesse por sindicatos e greves não há correlação significativa, o que mostra que nem sempre as greves são associadas aos sindicatos. Ao compararmos a média total quanto à distribuição geográfica do interesse por greves e sindicatos, constatamos uma significativa correlação que indica que o interesse por sindicatos é maior em países mais democráticos. Todavia, ao compararmos separadamente a distribuição do interesse por greves e sindicatos com a qualidade da democracia, constatamos que há uma forte correlação ($r=0.242$, $p=0.010$) entre o interesse por greves e a democracia, o que não se repete quanto ao interesse por sindicatos ($r=0.062$, $p=0.511$). Podemos afirmar, ainda, que uma taxa de 5% da distribuição geográfica da qualidade da democracia de 2008 a 2012 pode ser explicada pelo interesse popular por sindicatos. Isso confirma nossa segunda hipótese, podendo indicar, também, que os sindicatos estão adotando outras estratégias além das greves, motivo pelo qual é possível

inferir que os sindicatos vão “sobreviver” à tendência atual de perda de densidade. Contudo, verificamos, em uma avaliação temporal do interesse por sindicatos, uma tendência de declínio no volume de buscas, o que confirma a tendência prevista na literatura relacionada à diminuição de influência desses órgãos.

5 Considerações Finais

Nosso primeiro resultado mostra que não existe significativa correlação entre o interesse por greves e o interesse por sindicatos, o que indica que nem sempre as greves estão e/ou são cognitivamente associadas aos sindicatos. Tendo isso em vista, nossa primeira hipótese parece ser verdadeira, já que, ao compararmos a média conjunta do interesse por greves e sindicatos com a média da qualidade da democracia, encontramos uma forte correlação positiva, indicando que este tipo de frequência de interesse é mais comum em países mais democráticos. Tal achado pode apontar

para o fato de que, em países onde esse tipo de frequência é alta, as pessoas são mais engajadas aos sindicatos, conferindo, conseqüentemente, mais poder a essa instituição para que represente os envolvidos. Nesse caso, parte da representação tende a impactar de forma positiva a qualidade da democracia.

Todavia, ao comparar separadamente o interesse por sindicatos e greves com a qualidade da democracia, constatamos que em relação ao primeiro há uma forte correlação ($p=0.010$; $r=0.242$) entre o interesse por sindicatos e a qualidade da democracia, o que não se verifica em relação ao interesse por greves ($p=0.511$; $r=0.062$). Podemos afirmar, assim, que 5% da distribuição geográfica da qualidade da democracia,

entre 2008 e 2012, pode ser explicada pelo interesse popular em sindicatos. Isso confirma nossa segunda hipótese, podendo indicar, também, que os sindicatos estão adotando outras estratégias além das greves. Esse resultado sugere que os sindicatos, possivelmente, vão “sobreviver” à tendência atual de perda de densidade. De toda forma, essa perda de densidade e influência, prevista na literatura, é corroborada pela tendência temporal de interesse por sindicatos, que segue em declínio.

Em futuros estudos, é interessante que se compare a frequência de interesse por sindicatos no mundo com a densidade dos sindicatos, a fim de conferir se, de fato, onde o interesse por sindicatos é maior, estes órgãos são mais fortes.

Referências

1. ADDISON, J. The consequences of trade union power erosion. **British Journal of Industrial Relations**, no prelo, 2013.
2. ANDOLFATTO, D.; LABBÉ, D. The Future of the French Trade Unions. **Management Revue**, p. 341-352, 2012.
3. AZMAT, G.; MANNING, A.; REENEN, J. V. Privatization and the Decline of Labour's Share: International Evidence from Network Industries. **Economica**, v. 79, n. 315, p. 470-492, 2012.
4. CAMPBELL, D. FJ. The basic concept for the democracy ranking of the quality of democracy. **Vienna: Democracy Ranking**, 2008.
5. DONADO, A.; WÄLDE, K. **How Trade Unions Increase Welfare**. Université catholique de Louvain, Institut de Recherches Economiques et Sociales (IRES), 2010.
6. FANTAZZINI, D.; FOMICHEV, N. Forecasting the real price of oil using online search data. **International Journal of Computational Economics and Econometrics**, v. 4, n. 1, p. 4-31, 2014.
7. GOERKE, L.; PANNENBERG, M. **Trade union membership and sickness absence: Evidence from a sick pay reform**. CESifo Working Paper: Social Protection, 2012.
8. HAYTER, S.; FASHOYIN, T.; KOCHAN, T. A. Review essay: Collective bargaining for the 21st century. **Journal of Industrial Relations**, v. 53, n. 2, p. 225-247, 2011.
9. KARABARBOUNIS, L.; NEIMAN, B. The global decline of the labor share. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 129, n. 1, p. 61-103, 2014.
10. KUO, C.-T. et al. An Analysis of Security Patch Lifecycle Using Google Trend Tool. In: **Information Security (Asia JCIS), 2012 Seventh Asia Joint Conference on**. IEEE, 2012. p. 31-34.
11. MELLON, J. Where and When Can We Use Google Trends to Measure Issue Salience?. **PS: Political Science & Politics**, v. 46, n. 02, p. 280-290, 2013.
12. MORAES, T. P. B. *et al.* Mulheres, política e sub-representação. Um estudo sobre a correlação entre qualidade da democracia, ideologia e mulheres nos parlamentos. **Revista Derecho y Cambio Social**, n.36, p. 1-29, 2014.

13. MORAES, T. P. B.; MAIA, S. P. A. Jornalismo na web e clonagem biológica: Um estudo sobre o tema clonagem nos cadernos de ciência online dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política. ISSN 1982-6672**, v. 7, n. 19, p. 71-96, 2014.
14. MORAES, T. P. B.; SANTOS, R. M. Os Protestos no Brasil. Um estudo sobre as pesquisas na web, e o caso da Primavera Brasileira. **Revista Internacional de Investigación em Ciências Sociais**, v. 9, n. 2, p. 193-206, 2013.
15. MORAES, T. P. B.; MILLANI, F. Consumo Conspícuo e Racionalidade Limitada. Uma Crítica à Teoria da Escolha Racional a Partir da Psicologia Evolucionista. **UNOPAR Científica Ciências Humanas e Educação**, v. 15, n. 2, 2014.
16. MORAES, T. P. B.. Psicología social como una rama de especialización de labiología. Una muestra Del interes por psicología evolutiva a través del índice de búsqueda de google. **Revista de Sociales y Jurídicas**, n. 10, p. 6-126, 2014.
17. MORAES, T. P. B.; SANTOS, R. M. Caza al terrorismo y corrida electoral—un análisis sobre el impacto del interés regional por la muerte de Osama bin Laden y su relación con los votos en las elecciones presidenciales de 2012 en Estados Unidos. **Revista PRISMA.COM**, n. 27, 2015.
18. OLSON, M. **A lógica da ação coletiva**. Edusp, São Paulo, 1999.
19. TSEBELIS, G. **Jogos ocultos**. Edusp, São Paulo, 1998.